

Capítulo XXXII - OVERDOSE NO MEU ESTADO EMOCIONAL

A minha saída do Casablanca representava o final da etapa no mar do naufrágio. Embora eu tivesse certeza de que sairia com vida do acidente, após voar do convés do Bateau Mouche e cair na água, desembarcar do Casablanca representava deixar uma “maternidade”, após passar pela sensação de um renascer. Sim, não era exagero considerar que aquele momento era o marco de uma nova vida, de outra oportunidade, um presente de Deus.

Por este motivo, senti uma emoção especial quando comecei a descer a escada, logo depois que a lancha que me levaria para terra firme atracou na lateral do iate.

A lancha era de pequeno porte e pilotada por uma única pessoa. Fui orientado a me sentar no banco traseiro, na extremidade oposta ao lado pelo qual entrei, pois, outras vítimas estavam sendo chamadas no convés do iate para também embarcar.

Enquanto esperava a chegada desses náufragos, olhei em direção ao Iate Clube que não estava tão distante. Identifiquei muito movimento de carros com base no deslocamento de seus faróis e de luzes giratórias no teto de algumas viaturas.

Nesse momento, retornaram os pensamentos relativos a cobranças sobre a forma como eu comunicaria aos pais da Ana o trágico acontecimento naquela noite. Eu não tinha dúvida de que ao chegar ao Iate Clube seria iniciada uma nova e árdua fase que incluía esse difícil diálogo, bem como a busca pelo corpo de Ana.

Esse estado de ansiedade foi interrompido pela movimentação à minha direita. Um náufrago estava descendo a escada lentamente com os olhos fixos no topo da escada, indicando que esperava receber algo. Logo em seguida, um tripulante, abaixando os dois braços, entregou-lhe um volume que não consegui identificar, de imediato, do que se tratava, porque além da baixa luminosidade na lateral do iate, a ausência dos meus óculos comprometia a acuidade da visão.

Somente após o homem sentar-se ao meu lado e colocar o que carregava no próprio colo é que percebi a gigantesca emoção daquela cena: coberto com uma toalha estava o corpo de uma criança. E não havia dúvida sobre a minha interpretação, porque a toalha não era comprida o suficiente para ocultar as partes inferiores das suas pernas e os sapatos, cujo modelo sugeria tratar-se de um menino.

Capítulo XXXII - OVERDOSE NO MEU ESTADO EMOCIONAL

Emudecido, decidi respeitar a profunda dor daquele homem que pelos gestos que fazia, alisando lentamente a superfície da toalha e de maneira repetitiva, indicava ser o pai da criança além de denotar estar acometido de um estado de choque. Com essa trágica avaliação, mantive o meu olhar afastado do indescritível drama que se desenrolava ao meu lado.

Como decorrência inevitável daquela cena, veio à minha mente o impacto emocional que eu teria quando me deparasse com o corpo de Ana. Essas reflexões contribuíram para que eu não percebesse, sequer, que havíamos partido, deixando o Casablanca para trás.

Pelo fato de a pequena lancha ser muito veloz, o deslocamento do Casablanca até o Iate Clube foi bem rápido. O piloto precisou aguardar um pouco para que a parte do cais, utilizada para a atracação das embarcações que estavam trazendo vítimas para a terra firme, ficasse desimpedida. O motivo dessa espera estava bem claro, diante dos nossos olhos, dispensando qualquer comentário entre os passageiros. Assim, o silêncio, que perdurou durante o trajeto, permaneceu inalterado.

Quando, em seguida, a lancha atracou de estibordo no píer do Iate, algumas pessoas vieram nos ajudar a desembarcar, ficando a preferência, como não poderia deixar de ser, com o pai e seu filho. Assim, tomaram o menino nas mãos, com todo o cuidado, mantendo-o coberto com a toalha, e o devolveram ao pai, quando ele ficou de pé no cais. Esperei que eles se afastassem um pouco da beira do píer, e após agradecer ao piloto pelo inestimável transporte para o clube, desembarquei utilizando as mãos voluntárias que surgiram para facilitar a minha saída da lancha.

Estar ereto, e sem contusões, nas instalações náuticas do Iate Clube representava retornar à etapa terrestre daquela trágica aventura, embora ela tivesse começado de forma muito pacata no píer do restaurante Sol & Mar, poucas horas atrás. Ao contrário, ali no Iate havia uma inacreditável aglomeração de policiais, paramédicos, repórteres, familiares de naufragos que saíram de suas casas em busca de notícias e poucos sobreviventes que perambulavam tentando encontrar algum tipo de orientação para definir seus próximos passos.

Eu ainda estava atônito, no meio da confusão, quando vi uma pessoa conversando com o pai do menino. Logo em seguida, foi indicada a ele a direção que correspondia à esquerda de quem estava de frente para a sede do clube, no sentido contrário à área mais concentrada de pessoas e veículos.

Capítulo XXXII - OVERDOSE NO MEU ESTADO EMOCIONAL

Como o seu filho fazia parte do lamentável grupo das vítimas fatais, decidi segui-lo com a expectativa de que receberia uma informação precisa sobre o sistema de buscas, reconhecimento e transferência de corpos. Poucos passos depois, ele entrou em uma porta que deveria ser a indicada pela pessoa que o abordou no cais. Embora a porta estivesse aberta, esperei alguns segundos para dar ao pai à devida privacidade, caso ele fosse iniciar um diálogo com alguém no interior das dependências do clube.

Nesse breve intervalo, procurei uma sinalização que identificasse aquele local e encontrei uma pequena placa fixada na parede próxima à porta, na qual lia-se “Departamento Médico”. Quando quis entrar, precisei esperar que um grupo de quatro pessoas uniformizadas como se fossem socorristas retornasse para o píer, vindo em passos largos em minha direção. Ao ter a passagem liberada, em seguida, perdi o pai de vista.

Caminhando pelo corredor estreito que dava acesso a algumas salas, decidi entrar na primeira à minha esquerda, de onde, aparentemente, o grupo que cruzou comigo pouco antes, havia saído. Tive, então, um novo choque que impactou fortemente o meu estado emocional, já extremamente abalado.

A ampla sala tinha se convertido em um necrotério improvisado, onde jaziam aproximadamente vinte corpos do naufrágio. Como o número de macas do Departamento Médico era reduzido, algumas mesas foram improvisadas para receber as vítimas. Mesmo assim, obedecendo às mínimas condições de respeito que a situação permitia para oferecer aos mortos, vários corpos estavam dispostos no chão, ao redor da sala.

Sem dar espaço a dúvidas, entendi que estava começando ali, sem que eu houvesse me preparado emocionalmente para tal, a etapa de busca pelo corpo de Ana. Após as tentativas que empreendi para encontrá-la com vida no mar, chegara o momento de procurá-la em terra. E não havia razão para adiar a atitude de cumprir essa dolorosa responsabilidade.

Comecei, então, o meu triste périplo, caminhando entre as macas, mesas e pessoas que haviam sido colocadas no chão. Logo no início da tentativa de identificação, observei que os cadáveres permaneciam com as roupas que vestiam durante a festa. O fato de não ter constatado nenhum corpo desnudado fez com que ficasse menos penosa a busca, pois não precisava me aproximar muito de cada um deles. Naquele ambiente sinistro, eu estava procurando a minha namorada que usava um vestido azul.

Capítulo XXXII - OVERDOSE NO MEU ESTADO EMOCIONAL

Havia um estranho silêncio solene na sala, sem choro ou vozes em lamentações. Observando melhor à minha volta, notei que estava sozinho, sem que outro parente ou amigo das vítimas compartilhassem comigo aquele momento melancólico.

Depois de me certificar que havia percorrido todo o espaço da sala, concluí que Ana não estava naquele ambiente imerso em tanta tristeza e que, assim, não havia mais o que fazer ali. Contudo, no meu íntimo restava uma sensação de que eu devia permanecer na sala, pois outros corpos certamente chegariam e seria mais rápido encontrar Ana.

Mas, outro impulso me direcionava para fora daquele local, em busca de respostas para o paradeiro de Ana. Esse instinto acabou prevalecendo e eu me dirigi para a porta que dava para o píer do Iate. Antes de sair, constatei que não havia outra sala designada, até momento, para também receber vítimas fatais.

Ao chegar no píer e me deparar novamente com aquela confusão de pessoas e veículos se entrelaçando, parei próximo à porta do Departamento Médico e, encostado à parede, comecei a refletir sobre quais deveriam ser as minhas próximas ações na tentativa de encontrar a minha namorada.

Enquanto eu pensava, deixei que o meu olhar se perdesse no infinito escuro do mar, poucos metros à minha frente. Nesse estado de densa abstração, eu fui surpreendido com mais um momento de fortíssima emoção naquela noite.